

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.185

Sábado, 7 de Outubro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Tullaba-Lisboa e Telefunção 5339-c

Officina de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Na Covilhã, iniciam hoje os seus trabalhos o III Congresso Nacional da Indústria de Calçado, Couros e Peles e a Conferência Gráfica Nacional.

O III CONGRESSO OPERÁRIO NACIONAL

Após acalorada discussão é aprovada, com alterações, a tese "Organização Social Sindicalista" FOI REGEITADA A ADESAO A MOSCOVIA

COVILHÃ, 3. — Reabre a primeira sessão às 9 horas. Do expediente constam telegramas de saudações: de Federação dos Empregados no Comércio (Junta sul) jornal *Era Nova*, Federação Corticeiros, Impressores Tipográficos de Lisboa, Corticeiros do Seixal, Ferroviários Sul e Sueste (delegação de Faro), Construção Civil de Silves, Sindicato Metalúrgico do Porto, Pessoal do Depósito de Fardamentos, operários das conservas de Setúbal, Têxteis de Lisboa, Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste, Descarregadores de Mar e Terra de Almada, Corticeiros de Almada, Caixeiros de Beja, Corticeiros de Silves, mineiros de Aljustrel, Juventude Sindicalista do Barreiro, Grupo Educação Social dos Ferroviários do Sul e Sueste, "Lisbona Verda Stelov", Grupo "O Isolado", Centro Estudos Sociais e presos por questões sociais.

Prosegue a discussão do capítulo: Relações internacionais

Clemente Vieira dos Santos afirma que o delegado à Rússia ilustra a confiança da organização operária, não cumprindo a missão de que estava incumbido. Não apresentou relatório, nem ao menos em verso.

Um congressista: — O relatório ficou no bolso.

— Não é com artifícios, prossegue o orador, que se relata ao Congresso o que fez lá fora.

Jerónimo de Sousa diz que o delegado à Rússia não deveria falar aqui, desde que não apresenta relatório da sua missão. Devemos considerar o agente de Moscú. (Aplausos prolongados).

Alexio de Oliveira manifesta o seu pesar por não poderem ser as suas palavras de justiça e de admiração. A atitude do delegado à Rússia só o forçará a crítica condenatória, porquanto sentem os sacrifícios que a organização fez. Perfeito falou a todos os compromissos e agora não podemos conhecer mais a fundo o que se passa lá fora.

Aquele homem não deve estar aqui porque o seu único objectivo é influir no congresso, ao apreciar a questão internacional, a favor da I. S. V.

Perfeito de Carvalho critica os oradores antecedentes e afirma a sua simpatia pela I. S. V., declarando que por este facto não compromete a C. G. T.

Exalta o sacrifício do povo russo pela Revolução e censura asperamente a *Batalha*, que vai recorrer aos outros jornais o que é adverso à Revolução. As palavras de Perfeito causam enorme borbórrho, havendo protestos e exclamações.

Perfeito prossegue na sua crítica à *Batalha*, provocando agitados apertes. Faz votos para que este Congresso tome resoluções sensatas na questão internacional. Considera o *bureau* de Berlim a Internacional dos quatro sindicatos e meio (*marmírios*). Vai ler o seu relatório, manifestando o desejo de que seja discutido ao mesmo tempo que a tese das *Relações Internacionais*.

O delegado da I. S. V.

Neste momento entra na sala um delegado estrangeiro que é recebido com uma prolongada salva de palmas. Os congressistas entoam a *Internacional*.

O presidente saúda o delegado e o proletariado de todo o mundo.

Maurin fala em espanhol, declarando-se delegado da I. S. V. e saudando o Congresso toda a classe trabalhadora da região portuguesa.

Perfeito prossegue no seu discurso lendo o seu relatório e fazendo, em volta dele, largas considerações, que dão lugar a uma enorme borbórrho.

Felipe Baptista requer que só se manifestem os delegados dos organismos na discussão das teses. A confusão aumenta, há gritos de todos os lados e os pedidos de palavra para apresentar requerimentos e moções.

Manuel Joaquim de Sousa entende que os organismos é que devem deliberar e que nenhum delegado internacional pode entrar em debate.

Carlos Freire protesta contra estas afirmações, considerando que elas são um atestado de ignorância passado todo o Congresso. (*Sussurro*).

Silva Campos propõe que Perfeito fale quando o Congresso julgar necessário. (*O sussurro não diminui*).

Alberto Monteiro apresenta uma questão prévia em o princípio de que Perfeito tenha liberdade de palavra, sem prejuízo do delegado internacional quando se trate de relações internacionais.

Silva Campos propõe que Perfeito ponha o relatório imediatamente à discussão sendo-lhe consentido fazer, us

la palavra quando se discutir a tese *Relações Internacionais*.

A confusão atinge o rubro, levando o presidente a suspender a sessão por cinco minutos.

Logo que reabriu, Manuel Afonso justifica largamente a deliberação tomada pelo Comité Confederal no envio de Perfeito à Rússia. Todo o delegado da organização operária que vai em qualquer missão, deve apresentar um relatório. Perfeito não o fez, por isso classifica de irregular o seu procedimento como irregular é a sua situação.

Crítica o facto de na *Batalha* não ter sido publicado o extracto da conferência de Jesus Ibañeta.

Justifica-se a atitude de "A Batalha"

Manuel Joaquim de Sousa declara existir diferença entre o defender-se a revolução russa e a defesa dos actos dos homens que actualmente pertencem ao governo russo. Na *Batalha* não ponia defender-se um partido político, uma determinada orientação política e por isso procurou sempre impedir as tentativas de se fazerem n.º sentido. No jornal tem sido publicados documentos lucrativos de todas as Internacionais.

Explica largamente as razões porque não foi publicada a conferência de Ibañeta.

Início dos Santos Viseu critica o facto de Perfeito deprimir a Internacional de Berlim no intuito de fazer a defesa da Internacional Vermelha.

Agostinho Silva afirma que Perfeito falou ao cumprimento dos seus deveres. Censura-o pelo facto de em vez de apresentar um relatório imparcial do que se passou se limitou a fazer a apologia da Internacional Vermelha, sendo com esse fim que veio ao Congresso.

Júlio Luis solidariza-se com as afirmações de Manuel Afonso e critica o facto de não ter sido publicada na *Batalha* a conferência de Ibañeta.

Manuel Joaquim de Sousa dá algumas explicações, lê um apelo, que acabava de receber, a favor de Schapiro.

Surgem na mesa dois protestos contra as perseguições na Rússia aos revolucionários. Estes documentos são aprovados por aclamação.

Saudações

Em seguida, interrompe-se a sessão às 12.30.

Durante ela receberam-se saudações do Sindicato Têxtil de Gaia, Manipuladores do Pão de Lisboa, Rurais de Alameda, Sul e Sueste, (delegação de Casa Branca), Corticeiros de Mesines, Construção Civil de Mesines, Marítimos de Cezimbra, Federação das Juventudes Sindicalistas, Estivadores do Porto de Lisboa, Pessoal do Depósito de Fardamentos, Construção Civil de Guimarães, Chapelários de Braga, Tanoelcos de Lisboa, União Ferroviária Minho Douro e Marítimos da Foz do Douro.

Foi lida uma saudação por escrito, de José Gomes Pereira, Avante, deliberação do Congresso, por unanimidade, não aceitar.

Reabre a sessão às 20.30 foram lidas as seguintes saudações: Catraeiros do Porto de Lisboa, Federação Nacional das Cooperativas, Correioiros e Fabricantes de Armas, Federação dos Trabalhadores Rurais, Corticeiros de Évora, Rurais de Vila Franca de Xira, Sindicato Unico de Calçado, Couros e Peles de Braga, um grupo de camaradas do Bombardar, Rurais de Souzel, um grupo de Ferroviários da estação de Évora, etc.

Alberto Monteiro, fala sobre os debates havidos na U. S. O. de Lisboa acerca das contas do jornal e da saída do mesmo às segundas-feiras. Manifesta-se favorável à saída do jornal nesse dia da semana.

Carlos Freire expõe as vantagens do jornal não sair às segundas-feiras, e entre elas isso acarreta diminuição de despesas visto haver, semanalmente, um dia em que se não consome papel. Cita o facto de haver vários jornais diários que se não publicam nesse dia. Acresce ainda a circunstância de ser uma velha reclamação dos trabalhadores dos jornais.

Manuel Figueiredo discorda que a *Batalha* não saia às segundas-feiras. Discorda do jornal não publicar um serviço de informação desenvolvido de modo a poder ser dispensada a leitura dos jornais burgueses. Essa deliberação ocasiona prejuízos à expansão do jornal.

Termina por enviar para a mesa uma proposta para ser nomeada uma comissão revisora de contas de *A Batalha*. Posta à admiação, foi rejeitada.

Manuel Joaquim de Sousa diz que além de haver vantagens materiais em não se publicar o jornal às segundas-feiras, há também o lado moral, visto os trabalhadores gráficos e da imprensa reclamarem há muito tempo descanso ao domingo, à semelhança dos operários das outras indústrias. A organização operária não tem o direito de atentar contra as reclamações operárias. (*Aplausos*).

Expõe os motivos que impedem o jornal de ter serviço de informação desenvolvido devido à falta de recursos e ainda ao facto da sua redacção ser resumida a ponto de por vezes o jornal se ter feito com dois redactores.

Manuel Figueiredo declara retirar-se do Congresso por não lhe ter sido ad-

mitida uma proposta. Porém, depois de uma troca de explicações, o referido delegado resolve ficar.

Carlos Freire e Manuel Joaquim de Sousa dão novamente explicações de contas do jornal que satisfazem plenamente o Congresso.

Alfredo Lopes apresenta uma moção no sentido de ser elevada a cota de auxílio ao jornal.

Júlio de Matos entende que a cota para o jornal deve ser discutida no momento de ser discutida e fixada a cota confederal.

Foi aprovado o capítulo *A Batalha* e restantes capítulos do relatório do Comité Confederal.

Alfredo Rodrigues protesta contra o facto de não lhe ter sido permitido apreciar a situação de *A Batalha*.

As contas da C. G. T.

Entra em discussão o resumo das contas da C. G. T. e parece da respectiva comissão revisora.

Miguel Correia é substituído na presidência por Manuel da Silva Campos, a fim de poder tomar parte na discussão. Miguel Correia, em nome dos ferroviários do Sul e Sueste, explica as razões porque o sindicato não pagou cotização à C. G. T.

Falam Alberto Monteiro, Faustino Ferreira, Joaquim da Silva, de Setúbal, Alberto Dias, Júlio Matos, Lourenço Peixoto, Marcelino da Silva e M. J. de Sousa, que dá explicações.

Falam ainda Abel Pereira, Felisberto Baptista, Alberto Monteiro, Alfredo Lopes, Silverio Santos, Manuel Silva Campos, Moita, Bento Rosa e outros.

Foi dispensada a leitura do relatório da Comissão Organizadora do Congresso.

Foi nomeada a comissão de pareceres que ficou composta pelos seguintes delegados: Clemente Vieira dos Santos, Abel Pereira, Sebastião Eugénio, Lourenço Peixoto, Alfredo Lopes, João Antunes, Santos Arranha, Carlos José de Sousa e Sá Couto.

Mais saudações

Fôram lidas as seguintes saudações ao congresso: Alexandre Vieira, Pinto Quartim, Direcção dos Catraeiros, Corticeiros do Porto, Maquinistas Fluviais de Lisboa, União do Professorado Primário, Pescadores de Lisboa, Grupo Amador da "La Vero", e Juventude Sindicalista de Gaia.

Foi aprovada uma saudação aos mobilizadores de Lisboa pelo seu último e vitorioso movimento grevista.

Vital José saúda a organização operária da Covilhã, fazendo interessantes considerações sobre a vida e movimento sindical entre os rurais que o congresso escuta com agrado e que no final interrompe a vitoriosa dos trabalhadores rurais. Antes de encerrar a sessão usou da palavra para comunicações livres, Fausto Gonçalves e José Sanches defendendo este a abolição da gorjeta aos empregados de hotéis, restaurantes e cafés.

A sessão foi encerrada às 0.30 horas.

A discussão da tese "Organização Social Sindicalista"

COVILHÃ, 4. — Presidida por Manuel Teixeira dos Santos e secretariada por Joaquim do Carmo e Agostinho da Silva, abriu a sessão às 9 horas.

Depois de lidas saudações dos quadros dos jornais de Lisboa, Empregados de Escritório, Sapateiros de Faro, Caixeiros de Santarém, União Ferroviária, Centro Comunista, Sindicato Ferroviário da C. P. e Mobilizadores de Lisboa, João Pedro dos Santos refere-se à tese que vai discutir-se, *Organização Social Sindicalista*, dando sobre ela largas e interessantes explicações que são ouvidas com atenção e agrado pelo Congresso.

Santos Arranha refere-se a primeira parte da tese fôse discutida e votada e que depois se fizesse a discussão por capítulos.

Clemente Vieira dos Santos refere-se à Primeira Internacional, mostrando a duplicidade de Karl Marx que pretendendo primeiro a união de todos os explorados, pretende depois forçar todos a aceitar a concepção secretária estatal segundo a qual o estado dominava a vida e escravizava o trabalho.

O orador estabelece o paralelo entre o marxismo e o que se passa na Rússia, visto ela estar governada e tiranizada na mesma base rigidamente autoritária. Ao contrário, Bakunine apresenta uma concepção libertária da sociedade, expõe as lutas entre Karl Marx e Bakunine, concluindo por dizer que os *trunc* usados por Marx são seguidos pela Internacional Vermelha para julgar o sindicalismo revolucionário.

Manuel Joaquim de Sousa alude ao interesse provado mundialmente por todas as classes sociais nas revoluções russa e húngara. Faz considerações sobre a tese, afirmando que ela corresponde às aspirações de liberdade dos povos.

João Pedro dos Santos defende a organização social baseada no trabalho e liberdade, justificando-a largamente.

António Portel defende a tese, considerando-a psicologicamente de acordo com o sentir do proletariado. Ao atacar a ditadura do proletariado surge um incidente, tendo o orador desistido da palavra.

Manuel Figueiredo declara retirar-se da tese, mas João Pedro dos Santos faz

observações que forçam o orador a desistir de continuar.

Por proposta de Manuel Afonso é aprovado por aclamação o preâmbulo da tese.

Entra a seguir em discussão o capítulo *Agregados sociais naturais ou sindicais*.

Sobre este capítulo falam Manuel Joaquim de Sousa e Vital José.

Santos Arranha, em nome da Federação Mobilizadora, apresenta uma moção referente aos Sindicatos de Indústria e remodelação da estrutura sindical e confederal, e para que seja nomeada uma comissão a fim de fazer um estudo em moldes que satisficam os interesses da organização. Essa comissão devia contar dos seus trabalhos no próximo congresso.

A seguir foi suspensa a sessão, eram 12 horas.

Um manifesto que provoca protestos

Reabre a sessão às 14 horas, são lidas as seguintes saudações: Estudantes e Pintores de Viana do Castelo, Sindicato Ferroviário da C. P. (pessoal do trem em repouso no sanatório de Gaia), Marítimos de Cezimbra, Caixeiros de Elvas, Manufatureiros de Calçado de Beja, Arsenal do Exército (pessoal de Braço de Prata) e quadro tipográfico de *A Batalha*.

Júlio Luis pede a palavra para um assunto urgente, e sendo-lhe concedida, lê um manifesto redigido por um indivíduo suspeito ao proletariado chamado José Gomes Pereira (Avante), em que é elvejado Manuel Joaquim de Sousa.

Jerónimo de Sousa afirma que os manufatureiros de calçado já tinham conhecimento do manifesto, lamentando que a oficina sindical dos Compositores Tipográficos tenha aceite semelhante documento.

Alexio de Oliveira e António Lopes confirmam as considerações dos oradores antecedentes.

Miguel Correia, referindo-se igualmente ao manifesto, repudia-o por completo, afirmando que em tempos fôra convidado pelo autor do documento acima mencionado a acompanhá-lo na campanha contra M. J. Sousa, contra o que se indignou a sua consciência. Em harmonia das suas considerações, envia para a mesa uma moção de ordem.

O delegado da Associação dos Compositores Tipográficos justifica que a oficina sindical aceitou a factura do dito manifesto simplesmente atendendo a um cliente que não a uma questão pessoalista e parcial, visto ser uma oficina que deve aceitar todos os trabalhos que lhe aparecem.

Alfredo Lopes lamenta que a oficina sindical tipográfica desse atenção a um traidor. (Nesta altura, devido à agitação, foi suspensa a sessão por 5 minutos).

Silva Pereira, jornalista do Porto, tendo de retirar-se, pronuncia um rápido discurso de saudação.

Volta a discutir-se a tese "Organização Social Sindicalista"

Miguel Correia propõe vários emendas ao capítulo I, primeiro período.

Pouco depois estabelece-se grande confusão, falando muitos congressistas ao mesmo tempo não sendo possível tomar nota das suas declarações constantemente entrecortadas de apertes. Muitos congressistas abandonam a sala.

Por fim Manuel Afonso, conseguiu fazer cessar a borrasca fazendo baixar a comissão de pareceres a tese até ao capítulo F (Confederação Geral do Trabalho) inclusivé.

Joaquim da Silva, em nome da Federação Metalúrgica, propõe que seja eliminada a representação directa na C. G. T. dos sindicatos nacionais.

Manuel Joaquim de Sousa discorda a opinião do orador antecedente, dizendo que é contrária à organização federalista, deixando a discussão do caso nos representantes dos sindicatos nacionais.

Agostinho da Silva explica como funciona o sindicato dos correios e telegrafistas.

Os delegados do Sindicato Mobilizadora de Lisboa apresentam um requerimento para que seja incluído na moção Santos Arranha o capítulo F, alínea 24, da tese em discussão, o que é aprovado.

Seguidamente foi lido o capítulo G, que foi aprovado por unanimidade.

Entra em discussão o capítulo H (corpos administrativos).

Marcelino da Silva discorda da designação *delegados por grupo*, concordando, porém, com as explicações de João Pedro, apresenta um requerimento

Bartolomeu Constantino

A trasladação dos seus restos mortais assistem muitas centenas de pessoas

Realizou-se na quinta-feira como fôra anunciado, a trasladação dos restos mortais de Bartolomeu Constantino do jazigo onde se encontrava para o cemitério, no cemitério dos Prazeres.

Pelas 14 horas saiu da sede da C. G. T. a manifestação promovida pela comissão pró-trasladação, representada por diversos organismos operários com as suas facha e estandartes, encaminhando-se para o cemitério.

Os organismos que se fizeram representar com os seus associados foram os seguintes: U. S. O., Federação N. C. C., Sindicato Unico da Construção Civil, Secções profissionais dos carpinteiros, pedreiros, estuadores, pintores, e Secções sindicais de Belém e Beato e Olivais, Empregados Menores dos Correios e Telegrafos, Pessoal Assalariado do Depósito Central de Fardamentos, Ferroviários da C. P., Corticeiros de Lisboa, Manipuladores de Pão, Operários do Município de Lisboa, União Têxtil, Marítimos e Mocós de Marinha Mercante, Fogueiros de Mar e Terra, Inscrições Marítimos Portugueses, Operários Maquinistas Fluviais, Descarregadores de Mar e Terra, Manipuladores de Fafinhas, massas e bolachas, Impressores Tipográficos, Compositores Tipográficos, Federação das Juventudes Sindicalistas, Nucleo da Juventude Sindicalista do Barreiro, Junta Nacional das Juventudes Comunistas, Partido Comunista Português, Grupos revolucionários do Grupo de Educação Social Ferroviário do Sul e Sueste, Grupo Dramático e Musical Solidariedade Operária e Presos por questões sociais, representados por um delegado da comissão pró-trasladação.

No cemitério, após a trasladação, usaram da palavra, pela U. S. O., Armando Ferreira; Ferroviários da C. P., António Bandeira; Pessoal Menor dos Correios e Telegrafos, Manuel Marques Pimenta; Manipuladores de Pão, Domingos Pereira; Manipuladores de Fafinhas, Massas e Bolachas, António Pairedes; Descarregadores de Mar e Terra, Manuel de Almeida; Marítimos e Mocós da Marinha Mercante e Partido Comunista Português, Bernardino dos Santos; Corticeiros de Lisboa e Juventudes Comunistas, José Tomás Martins; Federação das Juventudes Sindicalistas, Cesar de Castro; Grupos Revolucionários, Pinho Alonso; amigos particulares de Bartolomeu Constantino, Conceição Pires.

Todos os oradores se referiram às infindáveis qualidades do falecido e quanto de sacrifícios fez em vida para que os ideais de emancipação da classe trabalhadora fossem um facto, aplaudindo

do para que todos os velhos militantes bem como os jovens, para honrar a sua memória, seguissem a sua obra que foi e é ainda grandiosa.

Manuel dos Santos, pela comissão organizadora, lê a carta dos presos por questões sociais, que é um belo documento de acção revolucionária e demonstrativo de que esses camaradas, embora entre ferros de uma prisão, pulsam ainda pelas reivindicações proletárias.

Depois da leitura da carta refere-se ao passado de Bartolomeu Constantino e aconselha a que todos os revolucionários se deem um bom exemplo de homem para a conquista da emancipação social e agradece a todos que se enforcaram nesta grandiosa manifestação ao preito de homenagem que prestaram ao lido palácio da emancipação dos trabalhadores.

Terminados os discursos, todos dispersaram na máxima ordem e para ficar vinculada ainda a apoteose deixam as autoridades dignaram-se deixar a cargo dos organismos e comissão organizadora a manutenção da ordem.

Pró-jovens sindicalistas presos

SOLIDARIEDADE!

Encontram-se nas masmorras desta libérrima república, grande número de jovens sindicalistas, entre os quais já se fôrme começa fazendo os seus estragos. Achaando-se na nossa caixa de solidariedade completamente exausta, devido à constante perseguição que nos têm movido, apelamos para todos os camaradas, convictos de que sabem cumprir com o seu dever, abrindo quotas nos lugares de trabalho, para que assim não falte o conforto a que aqueles camaradas têm direito.

A comissão pró-jovens sindicalistas presos, convida todo o operariado a visitar amanhã aqueles mártires, para que durante algumas horas eles se esqueçam dos sofrimentos da cadeia.

Todos os assuntos referentes a esta comissão devem trazer o seguinte endereço: F. Marques, Calçada do Combro, 38-A 2.º.

O TEATRO, PERIGO SOCIAL

Fui ontem ao teatro — se teatro pode chamar-se a um espectáculo indecoroso que se realizava no Coliseu.

Pois como era dia de festa e não tinha onde passar parte da noite fui até às Portas de Santo António ver a revista que lá se representava. Era uma revista como lidas as revistas, com cenas e números respigados de outras peças do género, com a agravante de ser mais imoral que lidas quantas tenho visto, reforçada ainda a frescura com os ademanos amarelados de um artista sensaborão que dá falta de oração própria pretende com os trejeitos repugnantes de invertido fazer rir o público.

Dizem-me que o governador civil, satisfazendo, uma parte da assistência da *première*, que se manifestara contra o desbragamento dos de algumas piadas, ordenou alguns cortes na pachochada. Essas mutilações obedeceram, porém, ao critério estreito que as pessoas autorizadas em tudo têm manifestado: coarctaram o que devia ficar e consentiram o que para bem dos costumes deva ser expurgado.

Dentro dos limites da decência a nudez duma artista nada tem de imoral; pode não ser imoral em um outro número, de crítica aos acontecimentos sociais; não é imoral uma *charge* graciosa aos homens da política. Imorais são os ademanos deprimentes para o nosso sexo que o tal artista sensaborão articula diante de um público depravado, corrompido de sentimentos que o admira e aplaude.

Imoral é esse afrodísio *maxixe* em que actor e actriz, unidos concupiscentemente, se rebolam, pernas enlaçadas, se esbandalham, tronco contra tronco, num roçar libidinoso em quebradas colantes de fasciia.

Mas em não dar satisfação pública da minha estada no Coliseu se lá não possuísse perante a complicitade criminal de todos nós um caso que em imoralidade e perversão excede tudo quanto as musas antigas ou modernas possam cantar. E' logo após o *maxixe* executado pelos dois dançantes, quando o público delira no seu animalístico entusiasmo, que a infâmia se pratica.

A música não cessa para satisfazer a exigência parva dos manifestantes, mas em vez dos artistas aparecem duas crianças dos seus oito anos — uma delas ainda os não tem com certeza — vestidas com fôto igual ao dos dançarinos, dançam lentamente aplaudidos e comem na sua vozinha débil a cantarolar os *couplets* e depois, enlanguendo-se lubrificamente, como os outros fizeram, iniciam a dança cabalística, abjecta, deprimente, mais deprimente ainda por ser executada por dois inocentes. O público delirava no seu entusiasmo e eu sentia-me oprimido como se houvesse come-

tido com a minha presença um tremendo crime.

Não me dirijo aos poderes constituídos porque conheço a indiferença com que por eles são tratados estes assuntos; dirijo-me a todas as pessoas de coração para de qualquer forma prática se de fenderem as crianças da inconsciência de certas mães, da falta de escrúpulos de certos empresários e da bestialidade do público. Ninguém tem o direito de obrigar uma criança a desempenhar papeis tão repugnantes como os desses dançarinos ignóbeis. Impõe-se a criação de instituições de protecção à infância, a exemplo do que há muito se faz nos países mais civilizados. Uma mãe não tem o direito de explorar um filho na idade em que ele mais precisa de assistência moral. E' repugnante o fazê-lo mas há quem o faça. As mães dessas crianças inocentes que ontem não aplaudiam deviam ser coagidas a matriculá-las na escola em vez de andarem a explorar a sua ganancia infantil. Depois, na idade da razão, fizessem como faz esse público ignaro que as aplaude e esses artistas boçais que elas copiam.

Jesus PEIXOTO

Pró-presos por questões sociais

A 610 135

Encontram-se encarcerados nas prisões bastantes camaradas, presos por questões sociais. Além das agruras do cárcere estão esses camaradas sofrendo as torturas das necessidades.

Torna-se um dever de todos os operários conscientes auxiliar na medida do possível aqueles camaradas, para suprir essas necessidades, amenizando-lhes o sofrimento.

Para receber o auxílio a esses camaradas, encontra-se hoje na Calçada do Combro, 38-A 2.º, alguns membros da comissão pró-presos.

Ler na 3.ª página, o folhetim "O TRABALHO"

ara que o número 38 da alínea a) ba-

Joachim da Silva, afirma que a C. G. T. tem grandes dificuldades e é parte da sua tese para justificar a sua afirmação. Como se espriasse na leitura da sua tese a mesa interveio por considerar extemporânea essa leitura.

M. J. de Sousa diz que os estatutos da C. G. T. foram submetidos a todos os sindicatos e por isso não concordam que se façam alterações sem prévio consentimento dos mesmos organismos, aos quais deve ser submetido o respectivo projecto para ser devidamente estudado.

A C. G. T. Unitária discutiu um projecto de estatutos que foi previamente discutido pelos sindicatos.

Entende que a remodelação do estatuto confederal seja feita pelo próximo congresso afim de salvar a autonomia dos sindicatos.

Santos Arranha apresenta uma modificação na redacção da sua moção.

Manuel Afonso afirma que as Federações e Unões não cumpriram a sua missão. Declara que o capítulo XV não foi inspirado nas bases da C. G. T. U. mas simplesmente nas necessidades da organização.

Expõe o que deve ser a função do secretário geral.

Joachim da Silva combate a criação do secretariado da C. G. T., considerando-o insuficiente para que aquela possa realizar os múltiplos trabalhos que a observação depois deste congresso.

Deve habilitar-se a C. G. T. com os órgãos necessários para o cumprimento da sua missão.

João Pedro dos Santos dá explicações, defendendo a criação do secretariado. Cada um dos três secretários terão os elementos morais e materiais necessários para realizar os seus trabalhos.

Sebastião Eugénio entende ser a C. G. T. um organismo que custa mover-se, necessitando descentralizar-se e todos os seus trabalhos serem realizados por indivíduos especializados.

M. J. Sousa faz considerações sobre o mau funcionamento da C. G. T. que atribui à falta de assiduidade da maior parte dos secretários, julga desnecessária qualquer modificação na estrutura confederal. Excessivamente os militantes, obrigando assim os que existem a acumular, prejudicando a marcha da organização. O estatuto confederal tem grande amplitude, por isso não inuteis quaisquer alterações. Apresenta uma moção preconizando que o futuro conselho confederal elabore uma boa distribuição de serviços e que os estatutos sejam alterados apenas num congresso confederal.

Júlio Luís defende a criação do secretariado e a descentralização de todos os órgãos confederais, cada um cumprindo normalmente as suas funções técnicas e sociais. Este secretariado não altera os estatutos confederais, mas dará maior incremento aos órgãos até hoje existentes.

Sebastião Eugénio, em questão prévia, acha que o Congresso pode pronunciar-se sobre alterações nos estatutos confederais na conformidade da tese *Organização Social Sindicalista*.

Alexio Oliveira combate a questão prévia. Neste momento suspende-se a sessão, cerca das 13 horas.

As saudações da União Sindical Italiana

Reaberta a sessão às 20,30 procede-se à leitura do expediente, na qual se contam saudações dos Mobilizadores de Coimbra, em greve, S. U. C. de Almeida, Marítimos, Grupo Dramático Municipal Solidária de Operários, Curores e Pelos do Porto, U. S. O. de Lisboa, etc.

Manuel Joaquim de Sousa lê um ofício da União Sindical Italiana, declarando que a reacção fascista a impedia de fazer-se representante, mas saudava o Congresso afirmando os seus princípios sindicalistas revolucionários.

Finda a leitura, ouvem-se prolongadas aclamações à U. S. I.

Marcelino da Silva, requer que a tese em discussão seja imediatamente votada. Regatado.

Amílcar Pereira insurge-se contra a projectada remodelação dos estatutos confederais. Santos Arranha entende que a remodelação da C. G. T. tem de ser objecto dum grande estudo em que os sindicatos estejam interessados. Estando o assunto muito esclarecido, requer que, com prejuízo dos oradores inscritos, se passe à votação da moção M. J. de Sousa (borborinho).

Algumas frases de Júlio Luís, que não conseguiram ouvir, aumentam a confusão. De todos os lados se pede a palavra sobre o modo de votar. A sessão é suspensa por cinco minutos, mas o ruído não diminui.

Vital José, que é acolhido com aclamações, consegue acalmar o tumulto. Declara que os rurais abandonam o Congresso se ele continuar tumultuoso. Os marítimos associam-se às palavras de Vital José, a quem abraçam. Contudo a atitude dos marítimos dá lugar a novo incidente, que dificilmente finaliza.

M. J. Sousa, discorda do requerimento de Santos Arranha por lesivo à liberdade de discussão. Afirma que levantou a questão não para se manter no seu cargo dentro da C. G. T. U., declarando que se afastará por algum tempo da organização. Pretende defender o princípio da autonomia dos sindicatos que devem ser primeiramente ouvidos, visto que este Congresso não tem carácter constitutivo. Declara não voltar a discutir a tese.

Armando Martins afirma que se discute sem elevação, estabelecendo-se várias correntes.

Uma referência à atitude dos rurais ocasiona novo incidente.

A Martins continua discursando no meio do tumulto sem que se consiga ouvir as suas palavras.

O presidente da sessão pede para ser substituído por se considerar doente, estafado, sem voz, devido ao esforço que tem despendido. (Aumenta a confusão).

Teixeira Danton assume a presidência, acalmando-se o ruído.

Armando Martins declara em nome da comissão organizadora que se impedem de se pronunciar qualquer dos seus membros sobre esta tese, limitar-se há a ler as outras, de que é relator, sem as discutir.

João Pedro dos Santos, emocionado, garante ao Congresso de que a comissão de que faz parte trabalhou com realidade e dedicação pela causa operária. Afirma que a criação do secretariado

de completa a organização confederal e por isso a defende.

A sessão decorre no meio de grande agitação

Alguns apêntes exasperam, justamente, o orador, que declara, em nome da comissão, que se dispensa da discussão dos assuntos, declinando toda a responsabilidade no Congresso. (Ruídos e protestos vários).

Júlio de Matos tenta falar, mas durante muito tempo não se faz ouvir.

O delegado dos rurais de Beja, Manuel António, acha que no Congresso se nota grande indiferentismo e que estará por aqueles que se batem, com risco da vida, pelo sindicalismo revolucionário, fora de todas as correntes políticas.

Miguel Correia lamenta a má impressão que a atitude de muitos congressistas tem produzido nos delegados rurais.

Pronuncia palavras conciliatórias e propõe que seja votada por sindicato a moção M. J. Sousa.

Manuel Afonso declara que sempre prestou solidariedade a M. J. de Sousa, tendo-o defendido em momentos bem difíceis de muitos ataques violentos e de muitas acusações e conflitos. A sua lealdade foi a ponto de não narrar a pusilanimidade dum parte do comité confederal.

Lamenta por isso que M. J. de Sousa pretenda veladamente desvirtuar as suas intenções. Desgostoso com tudo o que se passa e com a deslealdade com que o trataram, não mais falará neste Congresso.

Manuel Joaquim de Sousa afirma que não pretende visar qualquer pessoa nas suas considerações.

Aparecem duas declarações: uma dos delegados do Sindicato do Arsenal de Marinha, declarando abandonar os debates do Congresso, e outra da comissão organizadora, confirmando as declarações de João Pedro dos Santos.

Aprova-se o requerimento de Santos Arranha.

Procede-se à votação nominal da moção de M. J. de Sousa, que é aprovada por 78 contra 22, sendo 4 abstenções, reprovando-se implicitamente a tese *Organização Social Sindicalista* na parte que se refere à organização confederal.

Os delegados do Sul e Sueste declaram tomar parte no Congresso enquanto houver mesa constituída, visto não terem o direito de se desinteressar dos trabalhos e prejudicar a organização. Santos Arranha, em nome do Sindicato Unico Mobilizadores, perfilha esta declaração.

Miguel Correia apresenta uma moção de ordem no sentido do Congresso reconhecer que no incidente havido entre M. J. de Sousa e a Comissão Organizadora não houve intenção menos digna. O mesmo é afirmado a respeito dos delegados que tomaram parte no debate. A moção é aprovada por aclamação.

Santos Arranha propõe que não devam exercer cargos nas organizações individuais que sejam simultaneamente assalariados e patrões, e que seja incluída como alínea no capítulo *Corpos administrativos*.

José de Almeida deseja que o Congresso o informe sobre a situação em que se encontra a sua associação dentro da organização sindicalista que por razões de ordem material, a sua associação teve que tomar conta da produção, tendo assim que constituir uma cooperativa de produção.

Miguel Correia diz que esta questão não está no caso apresentado, visto que a questão de Santos Arranha se refere apenas a quem, sendo assalariados, são patrões do comércio e da indústria.

Correia de Barros explica que no sindicato do Sul e Sueste não são admitidos ferroviários que sejam também comerciantes por contrário ao espírito dos estatutos.

Apropositado duma declaração de Carlos Freire, levanta-se novo e prolongado incidente, ouvindo-se frases de vemente protesto.

Santos Arranha dá explicações, afirmando que apenas quer que fique consignado na tese o critério que defende.

José Sanchez explica que no ramo da alimentação o critério de Santos Arranha não pode ser aplicado por várias razões que aduz.

Foi aprovado o restó da tese *Organização Social Sindicalista* com a inclusão da alínea proposta por Santos Arranha.

Os delegados gráficos, solidarizando-se acerca da publicação do manifesto *Avante*, declaram que em Lisboa tratarão do assunto da oficina sindical. A sessão encerra-se à meia noite.

A tese «Relações Internacionais»

COVILHÃ, 5. — Aberta a sessão às 9 horas. Preside Adriano Monteiro, secretário por António de Carvalho e Augusto Cadete.

Foram lidas as seguintes saudações: Juventudes Sindicalistas do Porto, operários do Conselho Técnico da Construção Civil, operários do Manicômio, Centro e Biblioteca de Estudos Sociais, Correios e Telegrafos do Porto, Ferroviários do Entonamento, Conselho Técnico da Construção Civil, Federação da Construção Civil, Escola de Giestra, Tamarqueiros do Porto, Sindicato Unico Mobilizadores do Porto, Marítimos de Cezimbra, Conferentes Marítimos de Lisboa e Sindicato Misto de Santo Tirso.

Levanta-se um incidente a propósito da Comissão Organizadora do Congresso se ter recusado a ler as teses, dando Júlio Luís a esse respeito explicações que satisfazem o Congresso.

António de Carvalho, que secretaria, passa a ler a tese *Relações Internacionais*.

Os delegados da Construção Civil de Lisboa apresentam uma moção de ordem no sentido da Comissão Organizadora, sem quebra da sua dignidade, defender os seus pontos de vista acerca das teses.

Júlio Luís, em nome da Comissão Organizadora, declara que esta deliberou manter-se desligada da defesa e leituras das teses.

Marcelino da Silva justifica a atitude assumida pela Comissão Organizadora com a intolerância mantida pelo Congresso.

Manuel Figueiredo requer que Perfeito de Carvalho use em primeiro lugar da palavra para elucidar o Congresso na discussão da tese.

Miguel Correia entende que o congresso não está habilitado a tomar decisões devido ao abandono da discussão por membros da comissão organi-

zadora e outros militantes. Para evitar insinuações, declara que pessoalmente votaria a adesão a Moscúvia, sem condições.

Clemente Vieira dos Santos fala da duplicidade de informações dadas sobre a Rússia por delegados que lá foram. Diz que os estatutos da I. S. V. são em vários artigos e capítulos um travão para o pensamento e uma absorção profunda do sindicalismo revolucionário.

Refere-se o Schariro que tendo criticado a I. S. V. foi preso na Rússia, o que prova a intolerância que lá existe. Se estivesse na Rússia — diz — teria combatido os actos do governo russo. Para defender a Revolução Russa não é necessário estar-se filiado no partido comunista.

Aos que dizem que se deve ir para a I. S. V. a fim de reformar os seus estatutos, pergunta porque não vão para Amsterdã modificá-la. Se isso fosse possível só existiria uma Internacional. — A I. S. V. tem atacado os sindicalistas revolucionários de vários países. Fala-se de algumas centrais de vários países que tendo primeiro aderido a ela com entusiasmo, acabaram por se retirar depois dos seus delegados terem verificado em Moscúvia o que ela era. Diz, que se quem discorda da I. S. V., se acusa de ódio, ele não teme a acusação. Compara Lenine a Robespierre.

Não se pode aderir a Moscúvia depois de se ter aprovado a tese *Organização Social Sindicalista*.

Afirma que a I. S. V. é uma agência da Internacional Comunista e portanto do Estado soviético. O aprovar-se a adesão a Moscúvia equivale a rasgar a tese *O. S. S.*

Alberto Monteiro entende que a aprovação da tese da *O. S. S.* não impede a adesão a Moscúvia com condições, o que faria a unificação da organização operária. Dentro da organização operária há três tendências: a que defende a adesão a Moscúvia com condições, a que pretende sem condições e a que pretende Berlim. Entende que se deve aderir a Moscúvia com condições, embora pessoalmente concordasse que não seria necessário impor condições para aderir.

Alfredo Pinto afirma que a classe operária não está bem iluminada devido ao facciosismo que existe.

Ataca o secretário geral por ter recebido mal o facto deste vir a Portugal representar no Congresso operário a I. S. V.

Fala o delegado das Juventudes Sindicalistas

Fernando Almeida Marques diz que a forma como tem decorrido os trabalhos não tem dado possibilidade às Juventudes Sindicalistas proceder a um estudo exacto do que se tem passado no Congresso.

As Juventudes Sindicalistas discordam da adesão a Moscúvia, declarando-se fiéis aos princípios sindicalistas revolucionários que sempre defenderam.

Entende que o Congresso não pode votar Moscúvia após aprovação da tese *O. S. S.*

A I. S. V. está em ligação directa com a L. C. e portanto com o governo russo que está nas mãos do partido comunista russo.

Não concorda com a colaboração de classes e estar de acordo com o governo russo é fazer colaboracionismo. Lê o Capítulo 11.º dos estatutos da I. S. V., provando que em todas as suas alíneas se verifica a ligação orgânica com a L. C. E' esta que dá ordens na I. S. V. Demonstra, lendo vários artigos da I. S. V., ela não ser consensuosa com a tese *O. S. S.* visto nela estar incluída além de outras coisas a ditadura do proletariado.

Se se aceitar a adesão a Moscúvia temos de aceitar a ligação com o P. P. R., quando há pouco tempo toda a organização operária o repeliu solidariamente com a nota oficiosa da C. G. T.

Lê a conclusão 9.ª da I. C. que aconselha a actividade comunista dentro dos sindicatos a fim de os levar para a causa comunista.

A transformação da I. S. V. é impossível porque Portugal só teria um voto dentro dela, enquanto a Central Russa tem 17. Semelhante sistema de votações é o esmagamento. Há quem afirme que a I. S. V. não pode ter outra sede porque se formos reunir para Itália estaremos sujeitos ao fascismo; porém na Rússia estamos sujeitos a *tschechka*. Cita a proposta a prisão de Schapiro. Declara que tem simpatia pela revolução russa mas não com o governo russo.

Teixeira Danton defende a tese, dizendo que exceptuando as suas conclusões, ela é uma exposição e não é uma apologia.

Afirma ter sido sempre comunista, tendo dado sempre apoio ao sindicalismo revolucionário. Sabe que existe Deus mas não vai para o né dele. Por esse motivo não pode interessar-lhe Internacionais que ainda não existem.

Das Internacionais existentes é a Internacional Vermelha a que mais revolucionária se afirma. Declara que discorda da sua ligação orgânica com a L. C.

Defende todas as revoluções, incluindo a de 5 de Outubro, porque ela marcou um progresso. Afirma que a revolução russa é a destruição do mundo burguês. Pode aderir-se a Moscúvia sem ser necessário estar lá eternamente. Não concorda que se adira a uma Internacional que se pretende fundar em Berlim, como não concordaria com uma que se fundasse no polo norte ou na Conchinchina.

Se se fizer uma revolução social é para isso necessário fazer ditadura e ele concorda com ela.

Nesta altura foi suspensa a sessão, para reabrir às 14 horas.

O Congresso reprovava a adesão a Moscúvia

COVILHÃ, 5. — T. — A sessão foi reaberta às 14,15, sendo feita a leitura de vários expedientes.

Proseguindo o debate da tese *Relações Internacionais*, Miguel Correia apresenta uma declaração justificando a sua afirmação na sessão da manhã.

Discursando Perfeito de Carvalho e Maurin, defendendo a Internacional Vermelha, falando também muitos congressistas.

Por votação nominal, foi reprovada a adesão a Moscúvia por 55 votos contra 22, havendo 8 abstenções.

O resultado desta votação foi recebido com grandes manifestações, sendo entoada a *Internacional*.

A sessão encerra-se às 18,30 horas

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE — às 21 horas (9 da noite) — HOJE
COMPANHIA ITALIANA DE OPERETA
2.ª representação nesta temporada, da partitura de grande sucesso do maestro Mascagni — **SI!** —
A apoteose do encarnado — Linda música — Cenários deslumbrantes —
Estão suspensas as entradas de favor, Os Bilhetes que estão marcados para hoje e amanhã só se guardam até às 15 horas.

Classes que reclamam

Ferrovários da C. P.

NOTA OFICIOSA

A comissão de melhoramentos do Sindicato Ferroviário avisou-se ontem, como estava apazado, com o chefe de gabinete do ministro interino do comércio, para receber uma resposta às suas reclamações, tendo sido informada por s. ex.ª que havia convidado o Conselho de administração e a Direcção da Companhia para uma conferência com o ministro e a que devem assistir, se for necessário, delegados desta comissão.

S. Ex.ª declarou mais à comissão que tanto ele como o ministro estavam verdadeiramente sentidos com o director geral da Companhia, sr. Ferreira Mesquita, pelo seu procedimento para com o pessoal das oficinas, pois que este senhor há já tempos que lhe garantiu que havia concedido a este pessoal os aumentos prometidos, equiparando os seus vencimentos aos da indústria particular, o que não fez, faltando assim por conseguinte à sua palavra.

Frizou mesmo que o sr. Ferreira de Mesquita o havia procurado na estação do Rossio, e na presença do ministro do Trabalho lhe mostrara um mapa dos vencimentos com o qual referido pessoal ficava, o qual ainda se não verificou faltando assim à verdade, o que é deprimente para um director. S. Ex.ª garantiu ainda à comissão que podia ainda confiar no seu esforço pois que ele, chefe do gabinete, como o ministro se interessava verdadeiramente para o melhoramento do pessoal da classe.

Esta comissão com pesar seu informa a classe que não pode ainda nesta nota dar a resposta definitiva que esperava, pedindo-lhe que continue mantendo-se paciente, pois que lhe foi prometida uma resposta concreta por estes dias.

A comissão acentua claramente à classe que se está reivindicando com ardor todas as reclamações do pessoal aprovadas em assembleia magna, não esquecendo as garantias do pessoal das oficinas.

O pessoal do quadro da Direcção Geral das Contribuições e Impostos votou a greve em princípio

Na Associação dos Caixaeiros, reuniu ontem, em grande número, o pessoal do quadro da Direcção Geral das Contribuições e Impostos para apreciar o resultado das *démarches* realizadas junto do ministro das finanças.

Falaram vários oradores, sendo aprovada uma moção, com as conclusões seguintes:

1.ª Considerar dissolvida a comissão eleita em reunião de 26 de Setembro;

2.ª Considerar esgotadas os meios suastórios e por esse facto aprovar em princípio a greve de todo o pessoal do quadro da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, como preparação para a greve de facto;

3.ª Considerar responsáveis pelas consequências que desta atitude possam vir a resultar, o sr. António Malheiros, director geral da Contabilidade Pública, e o seu subordinado sr. Oliveira e Silva, e bem assim todo o pessoal da corporação dos impostos que por qualquer forma concorra para o mau êxito da luta que vai ser iniciada.

Foram encerrados os trabalhos de parte de eleita uma nova comissão para tratar do assunto até final.

Pessoal dos hospitais civis

Na sede da Associação de Classe dos Hóspitais Civis, Travessa de S. Bernardo, 11, reúne hoje o pessoal dos hospitais civis de Lisboa, a fim de tomar conhecimento das *démarches* que a comissão de melhoramentos efectuou com o director geral dos hospitais, sobre a melhoria de vencimentos e quais as razões porque a referida comissão deseja depor o seu mandato.

Operários municipais

Para continuação dos trabalhos da sessão transata, redmém hoje pelas 19 horas os operários municipais.

Classes marítimas

Pelos respectivos sindicatos, foi largamente distribuído um manifesto, convidando os componentes das classes dos marinheiros e moços, fogueiros de mar e terra e pessoal de câmaras, a reunir hoje, pelas 20 horas, em sessão magna, na sede da Associação de Classe dos Caixaeiros de Lisboa, para assentar na forma de reclamar melhoria de situação.

Conferência Gráfica Nacional

Organizada pela Federação Portuguesa dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, deve efectuar-se hoje na Covilhã a Conferência Gráfica Nacional, na qual serão tratados assuntos de grande importância para a organização gráfica do país.

A Conferência deve pronunciar-se sobre algumas alterações nos estatutos da Federação, uniformidade da cotização sindical, regularização da publicação do *Gráfico*, conveniência ou inconveniência da instituição do Coife de Solidariedade Gráfica, fortalecimento da organização no país, assistência às Juventudes Sindicalistas, etc.

T. M. E.

O sr. Raul de Lima Cruz foi nomeado para a qualidade de contabilista fazer parte da comissão liquidatória dos Transportes Marítimos do Estado.

AS GREVES

Tanoeiros de Lisboa

Declararam-se em greve parcial os operários tanoeiros de Lisboa, por os industriais e exportadores não terem correspondido a um pedido de aumento de salário.

O moral da classe é excelente.

Operários de Conservas de Setúbal

SETUBAL, 5. — C. — Apesar de 18 dias de greve, os operários mantêm-se com o entusiasmo dos primeiros dias. Só hoje foi recebida a resposta dos fabricantes, ao pedido de aumento de salário, a qual se limita a confirmar o aumento oferecido antes do abandono do trabalho e recusou por inaceitável.

Projecta-se, para uma reunião magna a realizar amanhã, a criação de cozinhas comunistas para auxiliar os operários em greve.

Metalúrgicos e Mineiros de Aljustrel

ALJUSTREL, 4. — Continua com o mesmo entusiasmo dos primeiros dias a greve dos mineiros e metalúrgicos desta localidade, sem que até hoje o director das minas se tenha resolvido a atender as justas reclamações desses operários.

São tão justas as suas reclamações, que todos os comerciantes daqui se lhes tem oferecido para os auxiliar em tudo o que necessitarem enquanto durar a greve, pelo que os grevistas se encontram extremamente reconhecidos.

Operários da Construção Civil de Messines

MESSINES, 3. — Os operários da Construção Civil desta localidade, que se haviam declarado em greve por os industriais não terem satisfeito o pedido de aumento de salário, após 24 horas de luta, resolveram voltar ao trabalho, por os industriais se comprometerem a dar 10300 aos profissionais e 8800 aos serventes.

Houve só um patrão que não quis ceder o aumento, pelo que se resolveu que o respectivo pessoal não retomasse o trabalho por enquanto.

Esta vitória veio fortalecer mais a organização local, sendo grande o entusiasmo que reina na classe.

A sessão em que foi resolvido voltar ao trabalho, terminou as vésperas à *Batalha*, a C. G. T., etc.

Manufactureiros de Calçado de Braga

BRAGA, 5. — Tendo os operários manufatureiros de calçado de Braga resolvido reclamar dos industriais um aumento de salário, devido ao constante aumento do custo de vida e não tendo estes atendido essa reclamação, embora tivessem declarado concordar com ela, deliberaram votar imediatamente a greve, até satisfação integral das suas reclamações.

Mobilizadores de Coimbra

COIMBRA, 4. — Na assembleia de hoje, foi constatado que a vitória se aproxima, depois de umas *démarches* feitas com dois industriais que contamos nos de uma resposta satisfatória.

Todos os mobilizadores se devem conservar na mesma atitude de solidariedade como de princípio.

Para bom êxito do movimento, tem o Sindicato Unico Mobilizadores de Coimbra, estabelecido correspondência asfdua com o seu congénere do Porto, pois alguns industriais pretendiam ou pretendem recrutar pessoal dali, como também enviar trabalhos por concluir, a fim de lá serem concluídos.

Este Sindicato apela também para todos os Sindicatos do país, para que toquem em consideração as necessidades da Federação de Indústria sobre o movimento, bem assim se recusarem a encetar trabalho da proveniência de Coimbra. — C.

Escrevem-nos os operários João Baptista e Américo José Pinto Damas, de Coimbra, declarando não serem amarelos, pois se constituíram em sociedade, emancipando-se da tutela patronal, e assim se encontram trabalhando para vários fregueses, incluindo várias casas.

Confraternização dos mobiliários

A comissão que pretende levar a efeito o jantar de confraternização, lembra a todos os camaradas mobiliários que continua aberta a inscrição até à próxima quinta-feira, 12 do corrente. A cota é de 10800, podendo ser paga em duas prestações.

O jantar efectua-se no dia 15 e a comissão encontra-se todos os dias no Sindicato, das 20 às 22 horas, reunindo hoje todos os seus membros.

Vida política

Centro Escolar Socialista de Alcântara. — Principiam hoje as festas promovidas por uma comissão de sócios, sendo a entrada regulada pela apresentação do cartão de identidade e cota de Setembro.

IMPRENSA

«O PROTESTO»

Tendo sido dissolvida a sociedade onde era composto este semanário, não se publica a partir do próximo número.

TEATRO SALÃO FOZ
TELEFONE 4354 NORTE
Companhia Beatriz d'Almeida — Jaime Zenóglou
Grandioso sucesso da célebre peça
O AS
Chouquette — BEATRIZ D'ALMEIDA
Laminols — SILVESTRE ALEGRI

III Congresso Nacional da Indústria de Calçado, Couros e Peles

Inicia hoje os seus trabalhos na Covilhã

No salão da Casa do Povo da Covilhã, inaugura-se hoje o III Congresso Nacional da Indústria de Calçado, Couros e Peles, encontrando-se já naquela cidade delegados de vários sindicatos da indústria do país assim como a comissão organizadora.

Esta comissão lembra aos sindicatos que por impossibilidade não enviaram delegados directos, que podem nomear indirectos, sendo conveniente telegrafar nesse sentido.

Subvenções

A social-democracia alemã transformada em polícia da Europa reaccionária

A Alemanha dos social-democratas está a transformar-se no país clássico das extradições. O direito político de asilo que em todos os países é, mais ou menos, facultado aos revolucionários, na Alemanha é violado do modo mais vergonhoso pelos social-democratas imperantes. De maneira que estamos em presença dum facto evidente, dum facto que não admite dúvidas: o governo social-democrático deste país converteu-se em polícia da Europa reaccionária.

Pode ser que a doutrina de Carlos Marx autorize também este procedimento, como autorizou os bolchevistas a atirar a causa do proletariado mundial e a sufocar a grande promessa da revolução de Outubro; mas, nem por isso, são menos infames — a traição dos bolchevistas russos e o servilismo policial dos social-democratas alemães.

Se não tivéssemos provas de sobejo em apoio das afirmações anti-estatais do anarquismo, as revoluções da Rússia e da Alemanha bastariam para convencer o mais obstinado e sectário de que todos os governos, seja qual for o nome com que se disfarçam, têm um denominador comum que é a opressão e a tirania dos povos. É em que é o povo russo e o povo alemão conheceram a mudança de regime? A autocracia czarista com os seus camarádas negros e o Kaiser com os seus junkers não eram piores nem melhores do que o bolchevismo com a sua Tcheka (hoje polícia regular) e o governo dos social-democratas com os seus nosidos.

Em vão procurares, nos antigos feudos dos Hohenzollern, um sinal característico de que se fez uma revolução, de que o imperialismo da dinastia derrocada foi substituído por um republicano governado pelos discípulos de Carlos Marx. Ainda se vêem nos edifícios públicos, as douradas coras imperiais, como símbolo de que a mudança de regime na Alemanha é uma mentira, e de que os foram modificadas as personagens do altar político, objectivo sustentado até aqui pelos revolucionários, excepto os anarquistas que, vendo melhor a realidade das coisas, propagandando sempre uma concepção da revolução hoje afirmada universalmente pelos factos históricos. E os povos não de beber nessas dolorosas experiências, de que são vítimas, a doutrina da verdadeira redenção. Entretanto, todas as vergonhas e todos os crimes do Estado não de perpetrar-se à luz do dia, visto que são os frutos muito naturais da estrutura autoritária sob qualquer dos seus nomes.

Antes da guerra, se se tivesse dito aos trabalhadores do mundo inteiro que o partido revolucionário dos bolchevistas igualaria em perversidade e tirania o velho czarismo; se se lhes tivesse dito que os superhomens da social-democracia chegariam a constituir um governo que se colocaria na situação de polícia aos ordens das potências da Europa reaccionária, ninguém acreditaria em tal. Mas, no melhor dos casos, perdida a fé na proletária estatal, já mais haveria quem esperasse pela idade do ouro sob o domínio dos discípulos de Carlos Marx, antes procuraria condições de vida um pouco melhores, mais humanas e mais

equitativas. Ora esta esperança da idade do ouro, falhou totalmente: o novo regime republicano-socialista elevou ao máximo os direitos administrativos de todos os Estados e adoptou, com o maior cinismo, as directões políticas do direito consuetudinário estatal.

Assim, um caso típico que se observa, frequentemente, na Alemanha, são as extradições dos revolucionários que procuram aqui um refúgio. Todos os dias, publica o secretariado, fazem-se transportar à fronteira ou se entregam à polícia dos respectivos países, indivíduos, cujo delito é o de terem lutado pelo advento duma sociedade melhor, e que em outras nações gozam dum relativo direito de asilo. A polícia alemã, só na Tcheca russa é que encontra uma comparação digna. É numericamente formidável, e é tam venal como numerosa. Um prémio, oficial ou secreto, é capaz de levar a delação até ao infinito, muito especialmente se o delinquente que a polícia procura pertence ao número dos delinquentes políticos. Este procedimento conhece-nos muito bem os governos revolucionários da Europa, que, por isso, se apressam a indicar o preço das capturas recomendadas, na certeza de que os esbirros da social-democracia alemã trabalharão afinadamente para descobrir os fugitivos.

Por outro lado, esta venalidade é, na Alemanha actual, alguma coisa que, a ninguém, causa admiração: achase difundida em todas as esferas da sociedade. Por exemplo: em quasi todos os países, civilizados ou selvagens, a delação é considerada como uma infâmia, moralmente repudiada; e se alguém a exerce, exerce-a no meio do maior segredo. Pois na Alemanha da social-democracia, a delação é um exercício de carácter público — é quasi uma instituição, com uma retribuição variável, segundo a importância do caso e o empenho do governante. E quem sabe se esta é uma das características do período transitório para se atingir o socialismo perfeito?

Quem desembaraça na Alemanha fica logo admirado com a profusão de cartazes vermelhos, que principiam por esta palavra: *Belohnung* (gratificação); e, expressa em grandes números, a quantidade que o governo oferece, para se esclarecer um crime qualquer. O povo alemão não se indigna contra este facto da maior das imoralidades: lê, pacientemente, os cartazes, e calcula, nos sabores, no seu íntimo, os milhares de marcos oferecidos como recompensa a uma das mais baixas acções. Merece uma reprobção sem atenuantes, o estímulo das lotarias, etc.; mas o fomento da delação, exercido por um governo socialista, que tem mais interesse nisso do que na educação do povo, sobrepõe os limites de todas as ideias governamentais até hoje conhecidas. Em todos os países, é certo, se exerce a delação; mas não à luz do dia, visto que há a consciência de que é uma vil torpeza; na Alemanha, porém, a delação é um direito oficialmente legalizado, e um direito oficial universal. Há, naturalmente, quem não pratique este nem aquele: são as excepções honrosas em que se refugia o sentimento da dignidade humana...

Em poucos meses, a história da social-democracia imperante registou crimes que, como a entrega aos verdugos espanhóis de Fort e Concepción, e a concessão, à Itália, da extradição de Boldini, não têm nome. O proletariado alemão, que atravessa uma dessas grandes crises de abatimento, e que, pela sua natureza, não é propenso à exteriorização espontânea dos seus sentimentos, contemplou o crime dos seus governantes com pasmosa indiferença.

Não fez ouvir, sob qualquer forma, a sua voz desinteressada; concorreu ao chamamento dos chefes, apenas por espírito de obediência. Por seu turno, os dirigentes do proletariado alemão não podiam explorar o assunto das extradições senão na sua fase política, pois são tam culpados, como o próprio governo, nestas complicitades com a reacção europeia.

Contra a extradição de Fort, Concepción e Boldini, a F. A. U. D. (sindicalista) realizou diversos comícios; mas, a voz destes comícios não foi acudida pelas organizações operárias que se orientam pela social-democracia, pelos chefes do "comunismo" e pelos generais dos partidos pseudo-revolucionários. Que poderiam conseguir os cantores da frente única que manifestam em todas as ocasiões a sua vontade de divisionismo — não o conseguiram a F. A. U. D., uma das poucas instituições que não estão comprometidas com o governo.

Com a adesão da Liga dos Direitos do Homem, a F. A. U. D. realizou, em fins de Maio, um novo comício, num dos maiores salões de Berlim, para protestar contra a extradição que se preparava, dos camaradas italianos Francisco Ghezzi e Roman Vacchi.

Roquer e Soucy defenderam heroicamente as vítimas e estigmatizaram o governo. O frio temperamento dos alemães sentiu-se comovido, mas não até ao ponto de impedir, por todos os meios, o novo crime da social-democracia. Ghezzi e Vacchi tiveram o mesmo destino que Forte Concepción.

Além destes casos, que a imprensa se vê na necessidade de tornar públicos, a polícia alemã convidou diariamente a transportar à fronteira muitos dos nossos camaradas que vem procurar refúgio aqui. Mas em compensação, os reaccionários russos, bem como os reaccionários de todos os países que a mudança de regime colocou em situação desvantajosa, vivem, nesta Alemanha social-democrática, rodeados de toda a sorte de atenções.

Entre centenas de russos extradiçados, citaremos o caso dum camarada que fugiu de Moscova... por ser amigo de Leão Tchornin — crime que o bolchevismo não podia perdoar — e que vivia agora em Berlim. A polícia alemã querendo extradi-lo e não sabendo como, convidou-o um dia destes a deixar a Alemanha, porque era acusado dum delito muito grave: ser amigo de Francisco Ghezzi. E ele lá teve de abalar, para não ser preso e entre as justiças bolchevistas.

(Berlim, Julho de 1922).

IVAN KOLLAR

Teatros

No Teatro Salão Foz. — "O Ás"

O Ás é uma das melhores peças cómicas que têm sido representadas nos últimos anos. Não há nela habilidades de técnica, nem forçadas arremetidas que provoquem artificialmente a gargalhada que não se consolida porque tem a espontaneidade que trazem os "eficazes" bem preparados.

O Ás tem muito espírito, e só quem passe a vida a desdenhar invariavelmente de tudo, é que não gostará dessa comédia que com tanta felicidade foi adoptada ao português pela parceria Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes e João Bastos.

A junção a todas estas vantagens lembramos-nos, nós que a vimos no Ginásio, do papel que da primitiva foi confiado ao actor Silvestre Alegria, que está nele como, se diz-se, o peixe está na água.

Em Madrid O Ás teve um verdadeiro sucesso e se na sua passagem para a nossa língua perdeu talvez em aspecto de efeito de algumas das suas cenas, o que é certo é que, no ponto de vista da equivalência frásica, os adaptadores, soberam talentosamente conservar-lhe o sabor de humorismo que é o que notoriamente a destrinça de outras comédias onde nem tudo corresponde à intenção do autor e em que a preocupação de agradar pelo *bono dilo* banaliza a forma e conduz tantíssimas vezes ao resultado oposto ou dando a sensaboria ao amassando em aborrecimento o que se julga destinado a causar agrado.

Alvaro de Almeida suplantou com o seu tipo. O cenário é de bom gosto e a direcção scenica, sob a orientação de Eduardo Freitas, credora do nosso elogio.

DEMOCRITO

Noticias

Quarta-feira inaugura-se no Eden a temporada de inverno, subindo a scena em primeira a peça policial, de grande espectáculo, em 4 actos e 9 quadros, *O Crime do Cuchito*, tradução de Lino Ferreira e Alberto Barbosa. Os 4 primeiros quadros da nova peça intitulam-se: *Crime misterioso, Primeiras investigações, Cuchito e Comp. e A prisão do Cuchito*.

Reclames

Reapareceu ontem, no Coliseu dos Recreios, a grande companhia italiana de opereta que levou a scena, em primeira representação, a peça *Do mestre Pietro Mascagni*, que obteve um sucesso colossal, como já o havia obtido quando da sua estreia em Lisboa. Hoje repete-se a linda opereta que é, sem dúvida, uma verdadeira obra-prima do inspirado macedónio, sendo deslumbrantissimos os seus cenários, a encenação apuradora e o guarda-roupa luxuoso. O Coliseu continua, pois, a ser a casa de espectáculos mais artísticos de Lisboa.

Apesar do calor que tem feito nestes últimos dias, o Teatro Avenida, ainda não deixou de se esgotar, pois todos estão ansiosos por ver a engrandecida comédia *Cama, Mesa e Roupa lavada*, que é considerada, sem receio de dementismo, a comédia de maior sucesso destes últimos tempos.

Todas as noites, no teatro Foz, são aplaudidos nos finais de acto os interlúdos da graciosa peça *O Ás*, cujos

A comédia que uma inspiração feliz da empresa do Salão Foz, quiz trazer de novo à scena, ofereceu-nos a novidade de substituição, em coisa alguma diminuiu o êxito anterior, sucedendo ainda que o papel masculino principal continua incumbido a Alegria que o fez como deve ser feito. A nota de embaraço, a que assiste o indispensável expediente salvador, deu-a o consciencioso artista, como se todas as trapalhadas que falsamente dele fizeram um herói, lhe tivessem sucedido já e tam atrevido a elas estivesse, que a comédia nada mais fosse do que um prolongamento da vida real que ele vive todos os dias. Beatriz de Almeida completou com muita observação e naturalidade a acção cômica da peça, dizendo bem, e gastando com sobriedade que não afastou a graciosidade e azeugamento. Foi uma "Chouquette" interessante.

Zenólio, elemento de incontestável valor em qualquer companhia de trapalhadas (já o temos dito), não occupou de forma alguma um plano secundário, porque a intenção com que disse e olhou bastaram para o colocar em primeiro lugar de classificação dentro da responsabilidade da sua parte.

Alvaro de Almeida suplantou com o seu tipo. O cenário é de bom gosto e a direcção scenica, sob a orientação de Eduardo Freitas, credora do nosso elogio.

DEMOCRITO

Noticias

Quarta-feira inaugura-se no Eden a temporada de inverno, subindo a scena em primeira a peça policial, de grande espectáculo, em 4 actos e 9 quadros, *O Crime do Cuchito*, tradução de Lino Ferreira e Alberto Barbosa. Os 4 primeiros quadros da nova peça intitulam-se: *Crime misterioso, Primeiras investigações, Cuchito e Comp. e A prisão do Cuchito*.

Reclames

Reapareceu ontem, no Coliseu dos Recreios, a grande companhia italiana de opereta que levou a scena, em primeira representação, a peça *Do mestre Pietro Mascagni*, que obteve um sucesso colossal, como já o havia obtido quando da sua estreia em Lisboa. Hoje repete-se a linda opereta que é, sem dúvida, uma verdadeira obra-prima do inspirado macedónio, sendo deslumbrantissimos os seus cenários, a encenação apuradora e o guarda-roupa luxuoso. O Coliseu continua, pois, a ser a casa de espectáculos mais artísticos de Lisboa.

Apesar do calor que tem feito nestes últimos dias, o Teatro Avenida, ainda não deixou de se esgotar, pois todos estão ansiosos por ver a engrandecida comédia *Cama, Mesa e Roupa lavada*, que é considerada, sem receio de dementismo, a comédia de maior sucesso destes últimos tempos.

Todas as noites, no teatro Foz, são aplaudidos nos finais de acto os interlúdos da graciosa peça *O Ás*, cujos

Um pouco de tudo para todos

CALENDÁRIO DE OUTUBRO

D.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
S.																															
S.																															
T.																															
Q.																															
Q.																															
S.																															
S.																															

MARÉS DE HOJE

Prailamar às 3,34 e às 15,45
Baixamar às 9,04 e às 21,18

CAMBIOS

Países	Modos	Moeda	Comp.	Venda
Alemanha	Marcos	453	4011	4016
Austria...	Corões	812,1	—	—
Belgica...	Francos	817,8	188,8	1885
Espanha...	Pestas	817,8	5182	4900
E. U. A...	Dollars	82,4	25493	26271
Francia...	Francos	817,8	1817	18006
Holanda...	Florins	837,2	917	10238
Inglaterra	Libras	450	115810	12840
Italia...	Liras	817,8	183	181,8
Suica...	Francos	817,8	4471	44916

CARTAZ

S. CARLOS. — A's 21, 15. — «As Duas Causas».
S. LUIS. — A's 21. — «A Moreninha», opereta.
AVENIDA. — A's 21, 15. — «Cama, mesa e roupa lavada».
POLITEAMA. — A's 21, 15. — «Cuidado com a Fernanda».
ROUPELA. — A's 21. — «As duas garotas de Paris».
COLISEU. — A's 21. — «Companhia italiana de opereta».
S. CARLOS. — A's 21, 15. — «O cigarro brejeiro», revista.
SALÃO FOZ. — A's 21. — «O Ás».
COLISEU. — A's 21, 15. — «Tic-Tac», revista.
CIRCO ROYAL. — A's 21, 15. — «Circos e variedades».
VICENTE. — A's 21. — «Miss Olga».
Espectáculos aos domingos, segundas e quintas-feiras.

CHIADO TERRAS. — A's 2 e 7,30. — Ma-

tinada e solada. — «A Seta Tenebrosa» — 51 partes. — Completa.

OLIMPIA. — Animatografado.

CONDES (Avenida). — Animatografado.

CENTRAL (Avenida). — Animatografado.

ROSSIO (Arco Bandeira). — Animatografado.

CHATELIER (Avenida). — Animatografado.

IDEAL (Loreto). — Animatografado.

EXCELSIOR (Teatro dos Anjos). — Espetáculos cinematográficos, aos 20,30.

PROMOTORA (ao Calvário). — Animatografado.

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Por ordem do ex.º sr. Presidente, é convocada a assembleia geral a reunir no próximo domingo, 8 de Outubro, pelas 13 horas, para leitura do relatório da gerência finda e eleição da Mesa e da Comissão Revisora de Contas.

O Secretário da Mesa

Alberto Fonseca dos Santos

MOVIMENTO MARÍTIMO

Vapores e destinos

Sabor, portos do Brasil.

Usaramo, Rotterdam e Hamburgo.

Cap Norte, Pernambuco, Baía Rio de Janeiro, e Santos.

Purgações

Por mais antigas e rebeldes que sejam, curam-se rapidamente, sem uso de injeções, tomando o verdadeiro específico

SANDANITOL

O seu uso pode ser secreto porque as PREÇO
urinas não mudam de cor nem de cheiro **10\$00**

VENDEM:
FARMACIA ESTACIO, Rossio, 63. — FARMÁCIA
INTERNACIONAL, Rua do Ouro, 228. — UNIAO COMER-
CIAL DE DROGAS, Rua Augusta, 180. — FARMÁCIA

Depósito geral Farmácia Castro, Sucessor
Rua de S. Bento, 199-199, A
LISBOA

**Francês sem mestre
em 3 meses**
por **M. GONÇALVES PEREIRA**
Ao alcance de todas as inteligências
de todas as idades.
Pronúncia figurada em sons da lin-
gua portuguesa, gramática, conversação

PREÇO 10\$50
elo correio 10\$50
Pedidos à administração
de A BATALHA

Frasco 6\$00 — Pedidos ao depôsi-
tário gerat A. Costa Coelho
— Bomjardim, 40 — PORTO.


Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos
e mesclados em cores lindíssimas,
formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole,
novo modelo americano,
muito elegante,
só na Cooperativ
A SOCIAL



**ESPECIALIDADE
EM CHAPEUS
DE SEDA
E
FLAMÃC**

Armazem e escriptorio: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurès (Exclusivo)

Sociológicas

Livraria de A BATALHA)

<p>José T. Lorenzo.—Maximalismo e Anarquismo.</p> <p>Jules Guesde.—A lei dos salários.</p> <p>Justus Ebert.—Os I. W. W. na teoria e na prática.</p> <p>Krajotkine:</p> <p> A Anarquia, sua filosofia e seu Ideal.</p> <p> A Grande Revolução (2 vol.). A moralanarquista.</p> <p> Socialismo e Parlamentarismo.</p> <p> Os bastidores da guerra</p> <p> Em volta duma vida.</p>	<p>22) 23</p> <p>115 120</p> <p>145) 1470</p> <p>43) 403</p> <p>53) 5838</p> <p>112 410</p> <p>402 405</p> <p>403 410</p> <p>403 410</p>
--	--

CALÇADO

GRANDE LIQUIPAÇÃO
em todos os calçados existentes na
Sapataria do Cithariz

Aém dos tipos que a seguir citamos enorme variedade saldados, vendendo tudo com grandes abateimentos, não obstante as últimas subidas motivada pela dose rogepreverios.

A 8\$80

GRANDE lote de sapatos de lona para senhora, cujo actual valor é 15\$500

A 15\$00

GRANDE lote de sapatos em veludo

Andauer:
A Social Democracia na Alemanha..... 405 408
Leone—O Sindicalismo..... 1403 1413

Malatesta:
O programa socialista-anarquista do bolchevique..... 410 415
Entre camponeses..... (grátis)

Manuel Ribeiro—Na linha de fogo..... 483 490
Marx—O Capital..... 1850 1863
Mietzner—A verdade acerca da revolução russa..... 430 439
Nagel—A caminho da unidade livre..... 1457 1463

Nietzsche:
Anti-Cristo..... 1407 1415
Genealogia da moral..... 1407 1415
Um Vasco — Ao Trabalhador Rural — Georgianas..... 410 415
Nicolow—A emancipação da mulher..... 2407 2420
Patat e Pouget—Como faremos a revolução..... 1423 1435
Perfeito de Carvalho—Notas e comentários..... 453 459
Rossi—A sugestão e as multidões..... 1407 1415
Russumano—A escravidão social da mulher..... 1403 1410
Sebastião Faure—Doze provas da inexistência de Deus..... 453 459
Trostky—Constituição política da República dos Sovietes..... 415 42
Vandervelde — Alcoolismo na Rússia..... 423 430

preta, cujo valor actual 16\$80, o qual se feizto custa 7\$00.

A 35\$00
BOTAS de cafi d'ôr, com 1 sola que em toda a parte se vendem 40\$00 e mais.

A 20\$00
BOTAS de côr pretas cujo valor real é de 28\$00, n grande liquidação da Sapataria do Canhariz.

A 27\$50
GRANDE lote de botas em superior calf preto, cujo valor é 38\$00.

A 23\$50
UM lote de botas em calf preto, sola, para homem; um dito em 2 sola

A 19\$50
SAPATOS de pelica bronzeada, cujo valor é 36\$90.

A 17\$50
UM grande lote de sapatos em verni preto, com salto Luis XV; outro de calf amarelo, cujo valor é 28\$00.

SANDALIAS
GRANDE SORTIMENTO com grandes differenças de preços.

Para futebo

PREÇOS
tamente ao consumidor

ROMÃO

ILHÃ

e amostras

Vendemos todos estes calçados
— 30 a 40 % mais barato —

Grande sortimento em calçados cas-
cos, chinelos de quarto, mouriscas, ca-
çados das mais recentes novidades pi-
nhoens, senhoras e crianças. que tu-
se vende com grandes diferenças de
preços.

Sapataria do Calhar

Largo do Calhariz, 33